

DE FREIRE A RIPPER: diálogos sobre uma educação humanista e fotografia popular

Maria Cecília Rocha de Castro¹
Alzira Batalha Alcântara²

Resumo

Este artigo apresenta semelhanças entre pontos centrais do pensamento e práticas educativas do educador Paulo Freire e do fotodocumentarista João Roberto Ripper, tendo como base a experiência da Escola de Fotógrafos Populares (EFP) e a Agência de Fotógrafos vinculada à escola, localizadas no complexo de favelas da Maré, no município do Rio de Janeiro. A EFP, uma iniciativa do Observatório de Favelas, destinou-se à formação profissionalizante em fotografia humanista a jovens de distintas periferias, com turmas no período de 2004 a 2012. A premissa fundamental era formar fotógrafos populares a fim de combater o discurso hegemônico da grande mídia em retratar a favela enquanto território desprovido de valores, buscando, assim, promover a ressignificação individual e coletiva dos moradores de favelas. Por meio de entrevistas qualitativas semiestruturadas com alguns egressos e profissionais que participaram da idealização e das atividades da Escola, percebeu-se que a herança deixada pela EFP ultrapassou a fronteira da excelência técnica, visto que promoveu profundas transformações nos egressos e, por extensão, nas respectivas comunidades. Ainda que não mencionado diretamente, verificou-se, também, que as práticas educativas na EFP foram essencialmente freirianas.

Palavras-chave: Educação popular; Paulo Freire; João Roberto Ripper; Escola de Fotógrafos Populares; Favelas da Maré.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Especialista em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio. Jornalista e designer gráfica na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Participa do grupo de pesquisa Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC/ECO/UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8689-7338>. E-mail: mcecilia001@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Associada da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), Universidade do Estado Rio de Janeiro (UERJ). Integra o Núcleo Interdisciplinar de Estudo do Espaço na Baixada Fluminense (NIESBF), atuando na linha de pesquisa “Política Pública, Trabalho, História e Educação” e participa do grupo de pesquisa “Estudos de História da Educação Local” (EHELO), UERJ. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9597-282X>. E-mail: alzirabatalha@hotmail.com.

FROM FREIRE TO RIPPER: dialogues on one humanist education and popular photography

Abstract

This article presents the similarities found in central points in the thought and educational practices between the educator Paulo Freire and the photodocumentaryman João Roberto Ripper, based on the experience of the Popular Photographers School (EFP), which had classes from 2004 to 2012 and an agency of photographers linked to the school and still in operation, located in the Maré *favela's* complex in Rio de Janeiro. EFP was an initiative of the Favela Observatory ONG and was intended for vocational training in humanist photography to young people from the peripheries. The fundamental premise was to form popular photographers in order to combat the hegemonic discourse of the mainstream media in portraying the *favela* as a territory devoid of values and, thus, EFP sought to promote individual and collective resignification. Through semi-structured qualitative interviews with some graduates and professionals who were important in the idealization and progress of EFP activities, it was found that the legacy left by EFP in its graduates crossed the frontier of technical excellence and promoted profound and lasting personal transformations in students and, by extension, in the communities where they are inserted. Although not mentioned directly, it was found that educational practices in EFP were essentially Freire's pedagogy.

Keywords: Popular Education; Paulo Freire; João Roberto Ripper; Popular Photographers School; *Maré's Favelas*.

DE FREIRE A RIPPER: diálogos sobre una educación humanística y fotografía popular

Resumen

Este artículo presenta similitudes entre puntos centrales del pensamiento y las prácticas educativas del educador Paulo Freire y del fotodocumentalista João

Roberto Ripper, a partir de la experiencia de la Escuela de Fotógrafos Populares (EFP) y de la Agencia de Fotógrafos vinculada a la escuela, ubicada en Maré - un complejo de favelas -, en el municipio de Río de Janeiro. La EFP, una iniciativa del Observatorio Favela, se destinó a la formación profesional en fotografía humanista a jóvenes de diferentes periferias, con clases de 2004 a 2012. La premisa fundamental era formar fotógrafos populares para combatir el discurso hegemónico de los principales medios de comunicación al retratar la favela como un territorio desprovisto de valores, buscando así promover la resignificación individual y colectiva de los habitantes de los barrios marginales. A través de entrevistas cualitativas semiestructuradas con algunos graduados y profesionales que participaron en la idealización y actividades de la Escuela, se notó que la herencia dejada por la EFP cruzó la frontera de la excelencia técnica, ya que promovió transformaciones profundas en los graduados y, por extensión, en las respectivas comunidades. Aunque no se menciona directamente, también se verificó que las prácticas educativas en EFP eran esencialmente *freirianas*.

Palabras llave: Educación popular; Paulo Freire; João Roberto Ripper; Escuela de Fotógrafos Populares; Favelas Maré.

INTRODUÇÃO

Este artigo, com base em uma pesquisa desenvolvida ao longo dos anos 2020 e 2021 em um Programa acadêmico de Mestrado, discute algumas ideias centrais acerca de dois brasileiros que contribuíram significativamente para uma formação emancipadora de jovens de periferia: Paulo Freire (1921-1997) e o João Roberto Ripper. Vale aclarar que nosso objetivo não é apresentar uma análise comparativa, mas apresentar experiências no campo da fotografia humanista que expressam práticas educativas baseadas no afeto e no bem-querer, evidenciando, a um só tempo, a presença do ideário freiriano e a possibilidade de se ter, na atualidade, uma profissionalização voltada para a emancipação popular em grandes centros urbanos. Para tal, examinou-se a Escola de Fotógrafos Populares (EFP), uma escola de ensino de fotografia humanista, nascida pela iniciativa civil de Ripper e de uma instituição no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro.

Freire (2020) aponta o caminho de uma educação que leva em conta os processos sociais em que está imersa, fundamentando-se em um sujeito histórico-cultural, propondo uma construção coletiva, dialógica. Para ele, a educação é a via fundamental e imprescindível para a formação de cidadãos. É possível falar em planejamento urbano sem abordarmos os termos cidadania e formação de cidadãos? Alinhadas com o pensamento freiriano, as autoras acreditam que não. Freire pensa a educação como um compromisso de viés político, uma vez que há interação entre ser social e consciência social. O que há é que cada grupo social apresenta suas formas de agir e de sentir; daí a importância de voltarmos nosso olhar para as classes menos favorecidas economicamente, valorizando-as e integrando-as em todas as esferas da sociedade. Em plena sintonia a esse pensamento de Freire, temos a EFP de Ripper e do Observatório de Favelas (OF), cujo objetivo foi profissionalizar, em fotografia, jovens favelados e de periferias por meio de um ensino técnico de qualidade aliado a uma preocupação social, essencial para repensar a si próprio quanto a comunidade onde está inserido.

A grande mídia, ao exibir favelas e periferias, quase que exclusivamente, a partir de imagens de miséria e violência, constrói uma narrativa perversa de apagamento do que estas pessoas podem apresentar de positivo e belo. Segundo Ripper, esse discurso único quebra a dignidade dessas pessoas, pois a sociedade passa a vê-las apenas como um mundo de mazelas. Com o intuito de romper esse *status quo*, surge a Escola de Fotógrafos Populares.

Para conseguir compreender o universo da EFP e perceber os efeitos que deixou em seus egressos, foram realizadas nove entrevistas qualitativas semiestruturadas, abarcando: um dos idealizadores da EFP e da instituição que concebeu o projeto da escola; o coordenador pedagógico da EFP; duas coordenadoras da agência e banco de imagens; cinco egressos. Um ponto interessante e consensual entre os entrevistados foi a importância da figura de João Roberto Ripper para a EFP não só como idealizador, mas sobretudo como base filosófica e elo agregador de todas as atividades. Suas ideias são referências que alicerçam o projeto como um todo, e todos os entrevistados

citaram Ripper com admiração e respeito, ainda que ele não tenha participado das últimas turmas com regularidade. Aos entrevistados, perguntou-se sobre as aulas teóricas ministradas e foram destacados distintos teóricos do campo da fotografia. Embora as falas evidenciassem fortes aproximações com o ideário freiriano, o nome de Paulo Freire não foi citado espontaneamente pelos entrevistados.

EDUCAÇÃO HUMANISTA NOS GRANDES CENTROS URBANOS

Antes de mergulhar o leitor no universo da EFP, destacamos duas frases dos personagens-chave desse artigo, Freire e Ripper: i. “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (Paulo Freire)³. ii. “Eu sou apaixonado pela capacidade do homem insistir numa deliciosa teimosia que é a de ser feliz, de ser digno” (João Roberto Ripper)⁴. Tais frases evidenciam o lado amoroso no qual nossos dois personagens se alicerçam tanto como pessoas quanto profissionais em suas respectivas áreas de atuação.

Paulo Freire, patrono da educação brasileira e reverenciado mundialmente, debruçou-se sobre uma forma de aproximar mundo e indivíduos por meio de uma educação crítica. Para ele, aprendizagem é algo construído entre os homens, ou seja, precisamos uns dos outros para nos construirmos enquanto seres sociais e cidadãos. O aprendizado se dá numa relação horizontalizada permeada pelo diálogo, com o fito de se construir e trocar experiências e saberes. Ou seja, uma concepção hierarquizada, tão recorrente nas práticas educacionais, é rechaçada. Essa relação dialógica é também uma mão dupla entre o sujeito e a sociedade, de modo que cada cidadão é fruto de um processo coletivo de construção sociopoliticocultural (FREIRE, 2020).

³ Frase extraída de entrevista disponível em: www.youtube.com/watch?v=J170pf5e5No. INSTITUTO PAULO FREIRE, *Paulo Freire - Dia do Meio Ambiente - 5 junho*. 2014. 00:00:02 (acesso em 14 jan. 2023).

⁴ Frase extraída do minidocumentário *A Beleza de cada um: J. R. Ripper*. CASTRO; RIPPER, 2016. 00:14:36. Disponível em: <https://vimeo.com/233701444> (acesso em 14 jan. 2023).

Em relação à formação dos indivíduos para a cidadania, Freire propõe alicerçar a democracia numa construção coletiva e participativa e, para tal, valoriza sobremaneira as trocas de saberes, a escuta e a fala daqueles que não têm voz, os excluídos e as minorias. Nesse mesmo espírito de troca de saberes, dialogicidade e escuta da voz das minorias, temos Ripper.

O fotodocumentarista Ripper, com trabalhos premiados internacionalmente, é o idealizador da Escola de Fotógrafos Populares e acumula quase cinquenta anos de vida profissional dedicada à fotografia documental. Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1953, Ripper formou-se em Jornalismo e trabalhou como fotógrafo em grandes veículos de comunicação impressa, tais como, os jornais Última Hora e O Globo. O diferencial de sua fotografia é a figura humana, seu tema central. Ripper, um integrante da fotografia humanista, procura trazer a denúncia considerando a dimensão afetiva, de modo que as imagens lançam um olhar diferenciado sobre a vida cotidiana das periferias. Apesar do tema de denúncia social, ele não deixa de registrar o lado mais sensível e belo daqueles retratados em suas lentes.

No minidocumentário “A Beleza de cada um: J.R. Ripper”, o fotodocumentarista narra sua própria trajetória de vida (CASTRO; RIPPER, 2016). O afeto aprendido com seus pais desde menino o acompanha por toda vida adulta e profissional, percorrendo caminhos de luta sindical, de registros que vão desde os tempos de revolta popular contra o endurecimento político na ditadura civil-militar, até histórias de injustiças contra crianças e adultos em situação de escravidão. Ripper, em seu portfólio de fotografias, narra imagetivamente as dificuldades da seca no semiárido; de vida simplória de quilombolas, mas também as histórias de força das lutas dos movimentos sociais pelo Brasil. Ao longo desse caminho, o fotógrafo percebe que sozinho não daria conta de registrar tantas cenas das populações periféricas quanto fossem os desejos dos fotografados, e passa a multiplicar-se ministrando oficinas de fotografia humanista nas quais transmite seu bem-querer.

Ripper afirma ter sempre em mente a preservação da beleza dos fazeres e a dignidade daqueles que estão marginalizados pela sociedade e, geralmente,

não têm voz significativa na grande mídia. Quando têm, é uma voz calcada nas tragédias e violências sofridas. O respeito em relação aos que fotografa chega a ponto de o fotógrafo considerar a existência de uma coautoria. Para ele, quando alguém permite ser fotografado em situações de intimidade, é porque há uma relação de confiança e, por isso, Ripper considera o fotografado um coautor da foto, na medida que mostra seu lado íntimo-afetivo, cabendo ao fotografado escolher a foto que julga ser a que mais o representa (IMAGENS DO POVO, online, [s.p.]).

As duas imagens, mostradas a seguir, são trabalhos de Ripper que demonstram seu objetivo de eternizar e exibir momentos de beleza humana daqueles que, em meio a uma vida que pode ser muito dura, apresentam suas ternuras, alegrias e afetos, como qualquer pessoa da sociedade. No pensamento de Ripper, seu “bem-querer”. Para ele, quando retiramos a beleza dos saberes e fazeres de uma pessoa, estamos quebrando sua dignidade (CASTRO; RIPPER, 2016).



Figura 1 - Fotografia de Ripper [s.d.], extraída de minidocumentário (CASTRO; RIPPER, 2016, 00:02:17).



Figura 2 - Fotografia de Ripper [s.d.], extraída de minidocumentário (CASTRO; RIPPER, 2016, 00:04:38).

Com base na pesquisa sobre a história da EFP e nos depoimentos, temos que a Escola foi uma iniciativa projetada na favela Nova Holanda, integrante do complexo de favelas da Maré, no município do Rio de Janeiro. Estima-se que a Maré tenha atualmente uma população de 140 mil habitantes das 16 favelas que se distribuem numa área de aproximadamente cinco quilômetros quadrados se tornando o nono bairro carioca mais populoso, segundo o Censo Populacional da Maré⁵, publicado em 2018 pela ONG Redes da Maré em parceria com o Instituto Pereira Passos e o Observatório de Favelas. A EFP, durante os oito anos de atividades letivas (2004 a 2012), ofereceu gratuitamente um curso de excelência em fotografia para jovens oriundos de favelas e periferia, embora também aceitasse alunos de todas as partes da cidade que se interessassem. Não nos cabe categorizar ou rotular o ensino na EFP, tampouco é nosso interesse posto que, se os próprios idealizadores não o fizeram, não nos caberia tal

⁵ Disponível em <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/censo-mare-cartografia-demografia-e-atividades-economicas>. Acesso em 20 jan. 2023.

pretensão. Porém, vale destacar o que consideramos como um ensino alinhado ao pensamento freiriano.

Paulo Freire procurou usar cultura popular como base para a melhoria da educação no país (GADOTTI, 2020, p.1). A EFP foi um ponto de ensino de produção de cultura popular, nascida da união entre a proposta emancipatória do Observatório de Favelas (OF) e o pensamento generoso e de bem-querer de Ripper. A proposta do OF era criar um mecanismo que, ao mesmo tempo, combatesse o discurso hegemônico da mídia e apresentasse uma estética de beleza para aqueles que historicamente são imputados distintos estigmas, mas fazem parte de nossa sociedade, embora excluídos. É necessário fazer com que tais grupos se autoconheçam e se reconheçam como parte integrante do mundo em que vivemos.

Em 2004, o OF convidou Ripper para fazer as imagens fotográficas de um livro sobre a Maré que estava prestes a ser produzido. Ao invés de simplesmente aceitar a contratação do trabalho remunerado, o fotodocumentarista, assumindo-se como um elemento externo à favela, sugeriu que o valor fosse utilizado na formação de jovens da favela para que eles próprios fotografassem seu território e participassem da publicação. Assim, nasce a EFP. O livro “Favela: alegria e dor na cidade”, com autoria dos dois fundadores do OF - Jailson de Souza e Silva e Jorge Luiz Barboza -, foi publicado em 2005 contendo fotografias de alunos da primeira turma da EFP.

Nesse sentido, o nascimento da EPF expressa, de um lado, o pensamento altruísta de Ripper, de outro, uma concepção de escola comprometida com uma dimensão humanista, democrática e emancipadora.

No intuito de clarificar o universo que circunda a EFP, cabe indicar alguns dados do Observatório, enquanto instituição que concebeu a Escola. O Observatório de Favelas (OF), criado em 2001 na Maré por dois professores da Universidade Federal Fluminense (UFF), é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), que se apresenta como sendo voltada à “pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos” com o objetivo de

“afirmar uma agenda de Direitos à Cidade, fundamentada na ressignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas” (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, on-line, [s.p.]). Por ser uma Oscip, o OF tem condições de conseguir o financiamento necessário junto a grandes empresas e órgãos do governo para viabilizar seus projetos.

No primeiro ano da EFP, em 2004, o curso de fotografia teve aulas diárias com Ripper durante quatro meses, totalizando 320 horas/aula. O objetivo era ensinar os segredos e as técnicas da fotografia a jovens de periferia, sobretudo da Maré. Dessa primeira turma, formaram-se 22 fotógrafos. A partir de 2006, as turmas da EFP passaram a ter uma carga horária de 540 horas e a coordenação acadêmica do fotógrafo e professor universitário Dante Gastaldoni. Além de Ripper e Gastaldoni, outros profissionais foram convidados para darem aulas, palestras, depoimentos e vivências com os alunos, de modo a compor a grade curricular. De 2007 a 2009, passou a ser concedido um certificado de extensão universitária emitido pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e, posteriormente, o certificado passou a estar vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para receberem o certificado de extensão universitária, os alunos deveriam apresentar um trabalho final de curso, na forma de ensaio fotográfico, que era avaliado por uma banca.

A existência do certificado de extensão universitária nos aponta algumas questões relevantes sobre a EFP. A primeira é a preocupação com a qualidade do ensino e da formação técnica dos alunos. A comprovação é a quantidade de prêmios que tanto a escola quanto os egressos vêm ganhando ao longo do tempo. Em 2008, a EFP recebeu o prêmio “Faz Diferença”, do jornal O Globo. Depois disso, vários egressos vêm conquistando visibilidade e respeito no meio profissional.

De cunho profissionalizante, a EFP estava atrelada a uma Agência de Fotógrafos e a um Banco de Imagens. Estas três instituições (Escola, Agência e Banco de Imagens) desenvolviam distintas atividades para o projeto Imagens do Povo, umas das ações do OF, cuja proposta é unir questões sociais à fotografia. A experiência profissional de Ripper como um dos fundadores, em 1985, da

sucursal carioca da agência fotográfica F4, além de ter ministrado várias oficinas de fotografia junto a quilombolas, populações ribeirinhas e outras minorias, permitiu que tal qual a EFP, a Agência de Fotógrafos e o Banco de Imagens nascessem vinculados ao projeto Imagens do Povo.

Conforme a avaliação do trabalho junto à banca, os alunos eram convidados a ingressar no mercado de trabalho. Em entrevista, uma das coordenadoras da Agência de Fotógrafos e do Banco de Imagens explica como se dava o processo para se vincular à agência:

Por exemplo, na turma de 2012, que eu acompanhei, eu participei também da avaliação dos trabalhos e tal - no final do ano, todo mundo apresentava o seu trabalho de fotografia, o seu ensaio. Então a gente teve trabalhos que tiveram que fazer de novo, porque ainda não estavam tão maduros, ainda faltava alguma parte, alguma coisa assim, então esses a gente deixava esperar terminar esse trabalho para poder integrar a Agência. Então o trabalho de conclusão de curso era importante para integrar a Agência (TAMBKE, 2021).

Conforme depoimentos do ex-coordenador pedagógico, Gastaldoni, e de duas coordenadoras da agência, Pedrosa e Tambke, a Agência-escola e o Banco de Imagens fizeram com que a EFP fosse além do ensino, chegando à experiência profissional. O aprendizado da Escola continuava com a inserção de seus egressos na vida profissional. A Agência foi criada para ser uma extensão da EFP, de modo que os egressos passassem a exercer sua nova profissão e ganhassem experiência tanto no campo quanto lidar com os clientes. De acordo com Erika Tambke, uma das coordenadoras da Agência, em 2015, eles chegaram a ter 66 fotógrafos registrados, com contrato firmado formalizando o vínculo profissional. Segundo ela, a Agência de Fotógrafos e o Banco de Imagens se destacam das demais agências e bancos pelo grande acervo de “fotografias de favelas, espaços populares e afins” (TAMBKE, 2016, p. 294), que empresas e clientes acessavam para contratação de serviços.

O contrato dos egressos com a agência não configurava um emprego, mas uma opção de contato com o mercado de trabalho e uma fonte de trocas de experiências entre eles, uma vez que tanto recém-formados e veteranos, desde

a primeira turma, trocavam experiências. Segundo Tambke (2021), eles passaram a se autôn timer como fotógrafos experientes e fotógrafos em desenvolvimento. Como para a maioria dos alunos, a Agência era a primeira vivência profissional, havia a preocupação de encaminharem para o trabalho, um fotógrafo em desenvolvimento junto com um experiente na ocasião de realizarem um dado trabalho. Enquanto fotógrafos formados e agenciados, passaram a ter um controle de quanto iam ganhar em cada trabalho. Com as experiências, passavam cada vez mais a ter autonomia sobre o próprio trabalho. Autonomia é uma palavra-chave na EFP e uma questão muito levada a sério no projeto como um todo.

A relação com a Agência e com o Banco de Imagens permitiu que a EFP, além do ensino de qualidade, oferecesse prestação de serviços e comercialização das fotos dos alunos. O curso era gratuito e formou mais de 200 novos fotógrafos populares. Muito procurado pela qualidade profissionalizante, as vagas são disputadas também por interessados da classe média. Devido ao caráter social, em caso de empate para obtenção de vaga, moradores de favelas, não exclusivamente da Maré, tinham prioridade sobre os moradores “do asfalto” e de classe média. A promoção dos direitos humanos é a tônica de tudo que diz respeito às atividades na EFP que se concentra em temas do cotidiano e das manifestações culturais (IMAGENS DO POVO, online [s.p.]).

Em depoimento, o coordenador pedagógico da EFP enfatiza o caráter adaptativo dos cursos oferecidos e a maleabilidade do programa de aulas, preferindo empregar o termo matriz ao invés de grade curricular, uma vez que, segundo ele,

...nada estava aprisionado. O grande barato do programa é que ele era camaleônico... já te disse, era uma matriz acadêmica. [...] A cada edição a Escola ganhava uma faceta nova. E, talvez, de todas elas, as mais importantes eram justamente as que vinham deles para nós (GASTALDONI, 2021).

Sobre a questão dos direitos humanos, aspecto fundamental para todo o projeto do Observatório de Favelas, Gastaldoni (2021) esclarece que, apesar de

estar sempre implícita nos projetos de Ripper, só apareceu formalmente e, de modo sistemático, nas turmas de 2007/2008. A partir desse momento, passou-se a abordar nominalmente o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que diz:

Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão (Declaração Universal dos Direitos Humanos, online, [s.p.]).

Nos anos 1960, a educação popular tinha Paulo Freire como um dos maiores expoentes no Brasil. Freire compreendia a educação como cultura e cultura como política. De modo interdisciplinar, educação popular e cultura popular estão intimamente ligadas e pressupõem uma variedade de ideias, pessoas e tudo que for relativo à cultura. Poesia, música, teatro, cinema: tudo estava muito próximo para os profissionais precursores da Educação Popular e as mais variadas manifestações culturais eram usadas como experiências pedagógicas. O processo educacional é bastante amplo e variado. De acordo com Trilla (2008), a formação de cidadãos vai além das aulas recebidas dos professores no colégio. A escola formal é mais um momento da educação em nossas vidas, porém não o único. Percebendo-se as limitações das estruturas de ensino das escolas formais, pode surgir a necessidade de se criar em paralelo, outros ambientes educacionais que visam não a concorrência, mas a complementação do ensino. E é esse o caso da EFP, pois se propôs a suprir uma lacuna no ensino destinado às classes populares, oferecendo formação profissional de qualidade com vista à inserção no mercado de trabalho conjugada a uma visão pautada na comunicação e nos direitos humanos.

O fato de as favelas e periferias apresentarem diferenças das demais regiões da cidade não as tornam menos dotadas de capacidades artísticas ou intelectuais. Isso apenas indica que há uma diversidade, que pode não se enquadrar aos padrões pré-estabelecidos e a diversidade cultural pode ser vista como riqueza. Essa perspectiva de adjetivar, de forma negativa, a arte

produzida nas periferias é o que o OF questiona. Para tanto, o Observatório vem propondo novos olhares tanto para quem desconhece a periferia, como também para quem vive o seu cotidiano.

A EFP não desejava ser uma escola somente profissionalizante em fotografia, ou seja, que seguisse meramente o modelo tradicional o qual, segundo Afonso e Gonzalez (2018), é aquele voltado para preparar a parcela mais pobre da população como mão de obra “manual e prática”, a fim de atender a demanda do mercado de trabalho, enquanto as escolas para os filhos das famílias de classe média e ricas disponibilizam um ensino de caráter intelectual. Observando o próprio nome da escola, nota-se que a formação sugerida não é a de fotógrafos de modo genérico, mas a de fotógrafos “populares”. Havia, portanto, uma intencionalidade de se construir um ensino pleno, diferenciado, não restrito às técnicas profissionais, que focava um objetivo específico: formar fotógrafos numa perspectiva da fotografia humanística (ou humanista). Para além da técnica profissionalizante, existem concepções e valores distintos que orientam os professores para a formação do olhar humanizado dos alunos em relação ao objeto fotografado.

Após os relatos, entendemos que o fotógrafo popular pode vir a ser uma derivação, particularizada, do fotógrafo humanista. Ou seja, todo fotógrafo popular exerce a fotografia humanista, mas é a dedicação em favor das periferias que o move, distinguindo-o. O que fica explícito para esse grupo é que o termo carrega uma forte consciência social, como também a noção de ativismo político. Dentro do sentido atrelado à EFP, compreendemos que Fotografia Popular é aquela que faz o registro fotográfico de dentro para fora e não de fora para dentro da comunidade. Em outras palavras, um fotógrafo popular é aquele que usa seu equipamento para registrar o que os moradores do lugar querem exibir, respeitando-os sem dar continuidade à estigmatização existente por ser um lugar marcado por ausências. Cabe ao fotógrafo popular apresentar a foto ao fotografado para que ele possa dar ou não o consentimento para publicação.

Educação popular é entendida como um conjunto de práticas e um modo de pensar que requer a tomada de consciência de suas condições de vida por parte das classes economicamente oprimidas e discriminadas. Nesse sentido, a educação popular é também uma educação democrática porque tem por princípio reforçar a capacidade crítica do educando, estimulando a curiosidade e uma insubmissão diante da vida. Freire (2020) exalta uma prática educativa progressista que provoque o pensamento crítico do educando, de forma a haver uma progressão da ingenuidade para uma criticidade.

Quem observa algo, o faz de um determinado ponto de vista, o que não quer dizer que o observador esteja caindo em erro. Existem inúmeros pontos de vista, mas, nessa pesquisa, adotou-se o olhar freiriano, o “dos condenados da Terra” (FREIRE, 2020, p.16), o ponto de vista dos excluídos socialmente. Diante do exposto, entendemos que há uma forte aproximação do ideário freiriano com a fotografia humanista ensinada na EFP: o ponto de vista dos moradores de favelas. Ripper e o Observatório de Favelas, os idealizadores da EFP, apontam a fotografia humanista como uma escolha intencional para retratar os economicamente subalternizados em situações de afeto e beleza, a fim de apresentar um ponto de vista que se contraponha a ideia de que favela é um território onde cabe somente a violência e a pobreza.

Assim, a proposta foi construir um novo olhar sobre a favela, de modo a se opor ao soterramento do sonho e da utopia. É interessante notar que, no caso da EFP, a resignificação do olhar sobre a favela se inicia no próprio aluno que também é morador de favela, para então galgar a vista da sociedade fora do território das favelas. Aproximando ao pensamento de Paulo Freire, essa resignificação das favelas, enquanto territórios sociais, ajuda a romper com a subalternidade e oferece protagonismo aos moradores de favelas e periferias. Salta aos olhos, a importância de uma iconografia carregada em afetividade para a conquista da autonomia enquanto indivíduo e cidadão.

Em ambos os pensadores abordados, percebemos um otimismo não ingênuo, cada um a seu modo, e notamos a consciência de que a luta por uma educação humanista é um ato político, que contém o combate ao discurso

fatalista. Não há construções idílicas porque não se ignoram os problemas nem as mazelas. O que há é um otimismo esperançoso de se mudar o quadro que se tem hoje. Para Freire (2020), devemos nos afastar da ideologia fatalista que nos imobiliza e fortalece o discurso pessimista, tão predominante na sociedade atual. Freire lutou contra a naturalização do abismo social, rechaçando a ideia de que não podemos transformar positivamente a realidade social. Na fala de Ripper no minidocumentário “A Beleza de Cada Um”, percebemos como a falta de otimismo pode se tornar um fator que facilita manipulações e dificulta movimentos de ruptura. Nas palavras de Ripper, em entrevista (CASTRO; RIPPER, 2016, 00:10:33):

Eu trabalho com pessoas normais, mas isso não impede de ver como essas pessoas normais, que têm suas falhas, que têm seus erros, têm uma capacidade de amar tão impressionante, de resistir, têm uma dignidade. Acho que isso está faltando para o mundo, e passar fé. Eu acho que se passa uma anti-fé, de que ninguém serve, ninguém presta, nenhum político presta... Na verdade, quando você leva as pessoas a acreditarem que nada serve, fica muito fácil de manipular, para se manter uma história única.

Tanto Freire quanto Ripper acreditam que é possível se transformar a sociedade por meio da educação. Para uma boa formação, é necessário muito mais que puramente treinar o educando para o desempenho de destrezas. Na concepção de Freire um dos saberes fundamentais da prática educativa-crítica é ter clareza de que o ato de ensinar “não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2020, p.24). Essa aprendizagem, que ocorria por simples transferência de conteúdos, Freire chamou “bancária”, porque, segundo ele, era uma forma de depositar conteúdos que seriam sacados posteriormente, sem que houvesse a formação de uma consciência crítica. No pensamento freiriano, tanto formador quanto formando são transformados, um pelo outro durante o ato de ensinar, posto que “não há docência sem discência [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2020, p.25).

Paulo Freire (2020) defende uma prática pedagógica que promove a reflexão crítica da sociedade e possibilita auto-ressignificação dos indivíduos, emancipando-os individual e coletivamente. É assim que acontece o “esperançar” freiriano. É o ato de resistir por parte das classes populares, perceber-se cidadão e, mais que isso, chegar a se tornar protagonista de sua própria história. Não há ato positivo no qual não se conta com a participação do outro, de construção coletiva e de troca. Para Freire, sonhar significa arquitetar sobre o amanhã, e é um ato político porque significa ir a favor de alguém, não cabendo a indiferença. Sonhava com uma sociedade menos injusta, a favor da bondade e da beleza. Na Educação Popular, a arte é uma aliada importante por permitir se falar de questões sociais e políticas, além de meio de expressar sua arte e sua cultura próprias. Os assuntos chegam à população em forma de poesia, clipe, música, fotografia etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As premissas de Freire de uma educação popular emancipadora ajustam-se perfeitamente a práticas de formação profissional nos grandes centros e à formação de indivíduos conscientes de seu lugar na sociedade. Para uma sociedade democrática e mais igualitária, é necessário que vençamos o atual *status quo* e isso demanda vontade, organização, trabalho e luta. Acreditamos que o combustível pessoal para essa construção se encontra nos sonhos e, sobretudo, na crença de que é possível mudar, pois sonhos são projetos pelos quais valem à pena lutarmos. E essa é a visão tanto de Freire quanto de Ripper.

Quando se considera a EFP como um exemplo de escola freiriana, refere-se às perspectivas filosófica, política e pedagógica, pois sua educação foi democratizante, emancipatória e crítica. A EFP foi um berço de muitas e significativas mudanças nas vidas dos egressos e, inclusive, de resignificação

para eles e outros membros da comunidade. A EFP se tornou forte elo entre pessoas que comungam da ideia humanista.

“Esperançar” é um termo chave para entender o pensamento freiriano. De modo análogo, “Bem-querer” é um termo fundamental em Ripper. Ambos os termos compartilham a crença de que é possível transformar pessoas e, conseqüentemente, a realidade onde habitam por intermédio de ações. São propostas otimistas, em contraposição a qualquer discurso fatalista e opressor, que rechaça alternativas e nega, portanto, a possibilidade de se edificar um futuro sob novas bases. Um projeto educativo que contemple perspectivas do diálogo democrático e da ética evidencia pontos importantes nessa aproximação entre Freire e Ripper. Nos dois casos, observa-se a preocupação de encaminhar a própria conduta de vida de modo coerente com o discurso, bem como se aproximam, de forma genuína, dos interesses objetivos e subjetivos das classes populares. A ética e amorosidade se iniciam nas ações da própria vida.

A proposta educativa freiriana, de caráter questionador e libertador, alia-se perfeitamente a propostas profissionalizantes para grandes centros urbanos e a experiência da EFP clarifica como isso pode ocorrer.

Entendemos que há uma forte aproximação entre os princípios que alicerçaram a EFP e o pensamento do educador brasileiro, Paulo Freire. Os alunos que passaram pela EFP experimentaram uma prática freiriana, ainda que isso não tenha sido explicitado. A coerência do pensamento de bem-querer de Ripper, com sua prática profissional e de ensino, se transforma num exemplo tipicamente freiriano no sentido de direcionar práticas pedagógicas para a autonomia e emancipação de comunidades pobres e periféricas do país e ao lhes propor dignidade. Freire se ligou às letras e Ripper, às imagens.

A EFP foi, antes de tudo, um trabalho de concretização do pensamento de bem-querer do Ripper, que se baseia na humanização e na emancipação de personagens considerados periféricos. E isso não é essencialmente freiriano? A escrita/imagem fotográfica gerada a partir da EFP foi e continua atuando como aproximação de experiências, de vivências sensíveis sobre a comunidade

favelada. Ainda que não se soubesse de início qual nome se daria para a Escola, o objetivo já estava muito bem delimitado. Tanto que hoje, o nome “fotógrafos populares” está se tornando um termo para designar uma especialidade de profissionais e vem ganhando espaço na academia. Constatamos também que a EFP, por meio de seus alunos, está gerando um novo e vasto repertório de imagens que podem não mais se ater à denúncia, visto que expressam resistência e beleza. A denúncia é algo importante para nossa sociedade, porém, a “boniteza” e a “amorosidade” também o são porque estão atreladas à ética e nos permitem crescer naquilo que somos. Dentro do universo freiriano, esse novo repertório é um modo de “esperançar”. Freire procurou promover a cultura da paz baseada no exercício democrático e na tolerância. Para ele, educar é um ato político porque é preciso explicitar as forças de poder existentes. Nesse sentido, podemos dizer que a EFP foi uma experiência freiriana nas perspectivas filosófica, política e pedagógica construída por várias mãos, sob o viés democratizante, emancipatório e crítico.

Ao dizermos que algo é popular, estamos assumindo que não é elitizado ou hierarquizado. O complemento “popular” no nome da Escola de Fotógrafos indica uma especificidade que verificamos ter sido conquistada. Em outras palavras, a EFP alcançou seu objetivo de se diferenciar, aliando noções de direitos humanos à fotografia. A escola promoveu em seus alunos uma técnica apurada atrelada à reflexão crítica sobre o ato de fotografar. Quando um fotógrafo da EFP se diz popular, ele carrega conscientemente valores humanistas. Numa relação dialógica de ação e reflexão, a EFP fez com que, durante o ato de fotografar, seus egressos respeitassem seus fotografados e o ambiente que os cerca. Na visão freiriana, essa prática, de sair da ingênua consciência e desenvolver uma consciência crítica, é o que determina a reflexão sobre sua ação no mundo e nos torna cada vez mais humanos. “Comprometer-se com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também (FREIRE, 2021, p.23).

Além da educação como prática de liberdade e da humanização de seus egressos através do compromisso do profissional com a sociedade, a Escola vem

permitindo uma democratização das imagens que representam os residentes de periferias. Não há espaço para a neutralidade uma vez que há a consciência da hierarquização das imagens imposta pelas mídias tradicionais. Hoje, com os fotógrafos populares, temos novas narrativas visuais sobre o real desses territórios urbanos. Com essas novas narrativas, desenvolveram-se novos olhares sobre a sociedade civil, olhares mais democráticos dentro desse campo de disputas. A isso, o Observatório de Favelas chama de democratização das imagens e das formas de representação, reduzindo a existente opressão advinda da hierarquização cultural. Em outras palavras, a EFP capacitou técnica e artisticamente seus egressos para ingressarem potentemente nos disputados campos da memória e da narrativa imagética, sempre com um olhar humanista.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Anthone Mateus Magalhães; GONZALEZ, Wania Regina Coutinho. Desafios da Educação Profissional e Tecnológica: novas faces dos mesmos problemas. *ComCiência* Dossiê 203, Emprego e Profissões, nov., 2018.

CASTRO, Maria Cecília Rocha de; RIPPER, João Paulo. *A beleza de cada um*: J.R. Ripper. - Rio de Janeiro, 2016. Vídeo disponível em <https://vimeo.com/233701444>. Acesso em 20 jan. 2023.

CASTRO, Maria Cecília Rocha de. Dissertação de mestrado. UNESA, 2021. Disponível em <https://portal.estacio.br/media/4687657/maria-cec%C3%ADlia-rocha-de-castro-2021.pdf> . Acesso em 22/05/2023.

Censo Populacional da Maré. Disponível em: <https://apublica.org/wp-content/uploads/2020/07/censomare-web-04mai.pdf>. Acesso em 02 fev.2023.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <https://declaracao1948.com.br/declaracao-universal/declaracao-direitos-humanos/> . Acesso em 02 fev 2023.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 43ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 63ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 73ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GASTALDONI, Dante. Ensaio fotográfico - A Pedagogia do Bem-Querer na obra de João Roberto Ripper. *Revista Trabalho Necessário*, v. 18, n. 36, p. 248-255, 22 maio 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/42808> . Acesso em 31 maio 2021.

GASTALDONI, Dante. Entrevista concedida a CASTRO, Maria Cecília Rocha de. Rio de Janeiro, 15 abr. 2021.

GADOTTI, Moacir. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. Universidade de Évora. *Um olhar sobre Paulo Freire*. Congresso Internacional . Évora, 20 a 23 de set. 2000.

Imagens do Povo. Disponível em: www.imagensdopovo.org.br . Acesso em 25 maio 2020.

JOÃO ROBERTO RIPPER. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19087/joao-roberto-ripper>. Acesso em: 08 jan. 2022. Verbete da Enciclopédia.

Observatório de Favelas. Disponível em: www.observatoriodefavelas.org.br . Acesso em 25 maio 2020.

RIPPER, João Roberto; GASTALDONI, Dante (Org.). *Imagens Humanas* (João Roberto Ripper). 1. ed. Rio de Janeiro: Dona Rosa Produções Artísticas, 2009. v. 1.

TAMBKE, Erika. Cotidianos Cariocas - o Rio de Janeiro por fotógrafos da Maré. In: MAUAD, A. M. (Org.). *Fotograficamente Rio, a cidade e seus temas*. Niterói: PPG História-LABHOI-UFF / Faperj, 2016. p.204322.

TAMBKE, Erika. Entrevista concedida a CASTRO, Maria Cecília Rocha de. Rio de Janeiro, 07 jul. 2021.

TENDLER, Silvio. Caçadores da Alma - Episódio 5 - *Paisagens Humanas*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=eJyU_VZGftU . Acesso em 02 fev. 2023.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Educação formal e educação não formal*. São Paulo: Summus, 2008.

